

Grupo dos Sete encerra reunião sem acordo sobre juros

Os ministros de Finanças e diretores dos Bancos Centrais dos sete países mais desenvolvidos se reuniram ontem por sete horas em Washington, mas não conseguiram resolver suas diferenças sobre a maneira de recuperar o crescimento da economia mundial. Entre reduzir coordenadamente as taxas de juros para estimular os investimentos, como pediam os Estados Unidos, ou manter a rigidez da política monetária para evitar a inflação, como defendia a Alemanha, os representantes do Grupo dos Sete (G-7) — que reúne ainda França, Inglaterra, Itália, Japão e Canadá — optaram pela combinação de ambas as coisas, ao gosto de cada um.

“A conclusão coletiva foi de que devemos continuar os esforços para manter a estabilidade de preços, mas também estimular o crescimento com base numa política de baixas taxas de juros”, sintetizou após o encontro o ministro das Finanças do Canadá, Don Mazankowski. Numa demonstração do tom conciliatório adotado no comunicado final do encontro, Mazankowski esclareceu que cada um dos sócios do grupo poderá colocar a ênfase naquilo que achar mais conveniente: “Cada país tem uma situação diferente e naturalmente adotará o rumo que considerar apropriado”.

A moderação que marcou o final do encontro contrasta com o jogo de pressões entre as autoridades norte-americanas e alemãs em torno da proposta de redução das taxas de juros. Numa atitude inusual, Bush se reuniu por meia hora com os ministros e diretores de Bancos Centrais antes da abertura do encontro para reafirmar sua posição, embora com o cuidado de não melindrar os representantes alemães. “Outros fatores além dos juros jogam um importante papel”, afirmou à saída da Casa Branca o ministro das Finanças da Alemanha, Theo Waigel. “O presidente Bush reconheceu isto e não houve nenhuma reprovação à Alemanha.”

Duelo de bastidores

Durante o fim de semana, porém, Waigel lançou farpas contra a proposta norte-americana, lembrando que seu governo já investiu US\$ 14 bilhões na transição do Leste Europeu à economia de mercado e gasta anualmente US\$ 57 bilhões com a própria unificação alemã. “E não estamos tomando capitais emprestados em outros países”, fustigou, numa referência velada ao elevado déficit público norte-americano. “Todos estamos interessados em rebaixar as taxas de juros, mas não em voltar a financiar o crescimento através da inflação.”

O encontro dos ministros de Finanças e diretores de Bancos Centrais do G-7 antecede o encontro semestral do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird), que será aberto na quarta-feira em Washington. Na semana passada o FMI esquentou o debate sobre a recessão ao divulgar um relatório que aponta 1991 como o pior ano desde 1982: com os EUA e a Inglaterra em recessão, a economia mundial deve registrar um crescimento de 1,2%, contra 2,1% em 1990.